

Memórias de professoras: a história de vida de Helena Ferrari Teixeira

Vantoir Roberto Brancher*
Valeska Fortes de Oliveira**

Resumo

Conhecer e analisar a História de Vida de uma professora bastante singular, e de significativa importância para a História das Mulheres no Brasil, na Educação e na Política, são alguns dos objetivos desta pesquisa. Para (re)construirmos sua História, adotamos uma metodologia qualitativa, baseada no Método Biográfico Histórias de Vida na modalidade Oral, se alicerçando também em outras formas de documentação tais como jornais, fotografias, depoimentos e outras pesquisas já realizadas. Dessa investigação, primeiramente resultam algumas entrevistas com a colaboradora, que estão sendo transcritas, analisadas e discutidas, à luz de variados referências teóricos, como Gênero, Memória, História Oral, Saberes etc. A (re) construção da História de Vida de Helena Ferrari Teixeira, a primeira mulher do Legislativo Santa-Mariense, e com grandes possibilidades de ser também a primeira mulher do Legislativo Brasileiro, que se inseriu, formalmente na política no ano de 1951, permanecendo no mesmo por três mandatos consecutivos. Encontramos, também, nos arquivos familiares e/ou públicos um número razoável de documentos e fotografias da professora. Algumas considerações já podem ser apontadas com base nas primeiras pesquisas documentais, que realizamos o que esta nos proporcionando uma possibilidade de perceber e compreender nossa personagem principal, nos seus respectivos lugares sociais. Olhar os saberes da docente Helena Ferrari proporciona ressignificar os lugares e espaços vividos pelos professores em diferentes épocas. A partir disso, acredito que, olhar os saberes cotidianos dos docentes, neste caso de D. Helena, ajuda-nos numa ressignificação de nossos próprios saberes e práticas profissionais.

Palavras-chave: História de Vida. Saberes Docentes. Memória.

Memories of teachers: Helena Ferrari Teixeira's life history

Abstract

Some aims of this research are to know and to analyze the Life History of a very singular teacher of significant importance to Brazilian Women's History, Education and Politics. For (re)constructing her history, we adopted a qualitative methodology based on Life History Biographical Method in the Oral category and also in other forms of documentation like newspapers, photographs, testimonies and other surveys already done. From this investigation, initially resulted some interviews with the contributor, which was been transcribed, analyzed and discussed under the scope of various references, like Genre, Memory, Oral History, Knowledge, etc. The (re)construction of Helena Ferrari Teixeira's life history, the first woman in Santa Maria Legislature with great possibilities of being the first in Brazilian Legislature, she entered formally in politics in 1951, remaining for three consecutive mandates. We also found, in the family and/or public files a considerable number of documents and photographs of the teacher. Some considerations would be already pointed based on the first documentary researches we made, that provide us the possibility to realize and to

* Mestre em Educação (PPGE), Centro de Educação(CE), Universidade Federal de Santa Maria(UFSM).

** Profª. Drª. Dept. de Fundamentos da Educação FUE/CE/UFSM.

understand the individuals and respective social places taken by them. To observe the knowledge of the Teaching Helena Ferrari provides the reviewing of the places and spaces lived by teaching in different periods. From it, I believe that to observe the everyday knowledge of Teaching, in this case, of Mrs. Teixeira, it helps us in a review of ourselves knowledge and professional practices.

Keywords: Life History. Teaching knowledge. Memory.

Introduzindo os caminhos percorridos na pesquisa

Produzir uma abordagem textual que se refira à pioneira do legislativo santa-mariense é um agradável desafio, mas não um desafio qualquer, e, sim, uma proposição abarcada de prazer e satisfação. Através deste, posso dar vida e visibilidade a uma história que tão poucos falaram. Haja vista a grandiosidade dessa colaboradora.

Entre os poucos escritos que encontramos referente à vida de nossa colaboradora, há um texto de Galina. A autora assim a descreve, “uma meiga senhora de 82 anos, moradora do abrigo *Longe Vita*, no bairro Cerrito, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil” (Gallina, 2004, p.05). Sabemos, através de documentos oficiais que, no dia 19 de novembro de 1921, na cidade de Santa Maria, nasceu a nossa colaboradora de pesquisa. Data esta que nunca nos foi revelada por Helena. Toda vez que conversávamos e era mencionado seu nascimento, ela desconversava, nos convidando a um chocolate, ou nos chamando a atenção com outro assunto. O jornal *Diário de Santa Maria*, no dia 17 de dezembro de 2002, na coluna política, também faz menção a nossa colaboradora. Neste dia, D. Helena estava recebendo um título de Vereadora Emérita. O jornal faz o anúncio descrevendo “Os Cabelos brancos a pele marcada pelo tempo não escondem a valentia característica de Helena Ferrari. (...) As Mulheres mal haviam conquistado o direito ao voto, e Helena já militava na causa trabalhista de Getúlio Vargas”.

Helena Ferrari Teixeira: reconstruindo sua história de vida...

Os familiares de D. Helena sistematizaram parte de sua História de Vida, ajudaram-me no encontro de inúmeros materiais referentes a esta História. Refiro-me aqui a fotografias, jornais, transcrições de discursos e até mesmo um fragmento da História de Vida por eles escrito. Nesses materiais e em outros que “cavamos”, com bastante esforço e em inúmeros locais, conseguimos [re]construir as falas/escritas que aqui seguem¹:

Percebemos, através desses escritos biográficos e dos depoimentos dos nossos colaboradores, que nossa professora poeta teve uma vida bastante difícil. Filha de Ana Luiza Ferrari Teixeira e Mario Souza Teixeira, este a deixa

órfã aos 14 anos. Nesse tempo, ela, juntamente com a mãe e as duas irmãs, teve que construir seu caminho sem a figura paterna para ampará-la.

Helena estudou em várias escolas. Inicialmente, no Colégio Santa Terezinha, Colégio Feminino da Viação Férrea e, depois, foi estudar no Colégio Sant'Ana, no qual permaneceu até a 5ª série. Nessa escola, formou-se juntamente com sua irmã - personagem bastante mencionada em seus relatos orais - e que só não cursaram o Ensino Superior, segundo D. Helena, porque Santa Maria não possuía naquela época Ensino Superior.

D. Helena lecionou no Colégio Santa Catarina. Posteriormente trabalhou na secretaria do Colégio Sant'Ana e na docência nesse mesmo local. Helena Ferrari gostava muito de escrever, talento este que aproveitou para, em época de guerra, arrecadar fundos para enviar aos "Pracinhas Brasileiros" – jovens que deixaram suas famílias em função da Segunda Guerra Mundial - . Também escrevia artigos e poemas em jornais e revistas locais.

Nos relatos autobiográficos, a professora revelou-me que foi uma das fundadoras do Partido Trabalhista Brasileiro. No ano de 1952, elegeu-se vereadora em Santa Maria, sua cidade natal, pelo referido partido, sendo que este fato se repetiu, em 1956 e 1960, conseguindo expressiva quantidade de votos.

Dona Helena afirma, com bastante orgulho, que foi a primeira Vereadora Mulher de Santa Maria e do Brasil. Tornando-se uma pessoa conhecida no Brasil e até no exterior, mais especificamente em Cuba. Essa divulgação acontecia por intermédio do Deputado Fernando Ferrari, que divulgava seus trabalhos e projetos de Santa Maria e região.

Ela gostava muito de discursar em uma tribuna popular localizada no Alto da Famosa Bomba de Gasolina, na esquina onde hoje se encontra a Caixa Econômica Federal – Na época, provavelmente, encontraríamos este local facilmente, pela organização da cidade e pelo contexto sócio-político-cultural em que se vivia. D. Helena fala-nos lamentando que Getúlio Vargas, embora desejasse, não conseguiu discursar sobre a Bomba, pois esta foi derrubada para a construção do prédio da referida Caixa Econômica.

Helena Ferrari, uma mulher de fibra, garra e coragem, dedicou-se à educação e à política durante maior parte de sua vida. Uma personagem² forte da História de Santa Maria, que liderou inúmeros eventos e passeatas, atraindo multidões, enfim, uma mulher com uma poderosa História de Vida para ser contada, ouvida, interpretada, analisada e estudada.

Discutir, portanto, a História de Vida de uma personagem tão singular, acima mencionada, que rompe com o imaginário instituído (Castoriadis, 1987) de uma época, qual seja, o de dominação masculina e submissão feminina,

faz necessária discussão que contextualize o período por ela vivido, e outras reflexões referentes ao mesmo.

Sabe-se que, na atualidade, a participação feminina, nos mais variados âmbitos, vem aumentando. Não podia ser diferente na esfera política. Embora nem sempre discutir e ascender neste campo foi tão simples. Gallina (2004, p.11), comentando reflexões de (O voto Feminino, 2003), enfatiza que:

[...] cedendo as pressões do movimento sufragista brasileiro, aprova, por decreto presidencial em 1932 o direito feminino ao voto, que foi confirmado pela Constituição de 1934. Vale ressaltar que a “obrigatoriedade plena do voto para todas as mulheres só foi constituída com a Constituição de 1946, sendo que até então o voto era obrigatório somente para as mulheres, que exerciam funções remuneradas em cargos públicos”.

Helena Ferrari Teixeira também teve que percorrer tais ditames sociais e/ou institucionais políticos, contudo, adorava desafiar as estruturas de poder vigentes na sua época, sejam elas sociais ou políticas. Conhecia, embora recusava freqüentar, locais e afazeres que fossem pré-destinados a homens ou mulheres.

Num texto, o qual recebi por e-mail, referente à vida de dona Helena, podemos perceber importantes informações vindas dos autores:

3 A começar, uma casa só de mulheres já suscitava dúvidas. Acrescente-se a isso o fato de uma delas ser fundadora do, então, Partido Trabalhista Brasileiro, passar a freqüentar rodas de discussões políticas, participar do movimento Queremista (Queremos Getúlio), e ainda poetar. Era muita ousadia para os padrões da época, no interior do Rio Grande do Sul.[...] de forma marcante, tocou a todos: a maioria reprovava as atitudes liberais daquela moça bonita, inteligente e de oratória brilhante; outros poucos, ou melhor, outras poucas mulheres vibravam com sua ousadia e suas destemidas atitudes, porém calavam-se diante das circunstâncias impostas pelos costumes vigentes. Sim, pois essa cidade de padrões altamente rígidos, com relação à moral e aos costumes, nunca tinha visto uma mulher sobressair-se. E Helena Ferrari (seu nome “de guerra”) era política, seguidora e amiga de Getúlio Vargas, líder feminista (antes mesmo de se ter forjado o termo com a atual conotação) e poetisa de alta sensibilidade.

O texto por si só é uma fonte permeada de ilustrações referentes ao imaginário vivido pela professora Helena. Os meandros por ela percorridos e as dificuldades enfrentadas por uma mulher na luta pela sua ideologia política,

pessoal e social, sem esquecer sua sensibilidade e sua subjetividade feminina.

Metodologias qualitativas: conquistas e desafios

Pesquisar hoje através de uma metodologia qualitativa aponta algumas necessidades, por exemplo, rigorosidade, um referencial teórico bastante definido e um método de coleta e análise delineado. Apesar disso, alguns autores nos apontam novos horizontes referendados a essa questão, dentre eles, Costa (2002, p.155) preconizando a necessidade de conhecermos as pesquisas que vêm surgindo e de mostrarmos nossos achados e/ou dúvidas.

Pesquisar é uma tarefa social. Divulgue sua pesquisa e procure conhecer a dos outros. Embora uma das imagens difundidas da pesquisa seja a do cientista isolado e concentrado em seu laboratório, ela nos diz pouco sobre esta atividade. A investigação científica é, sobretudo, um trabalho coletivo. Para que um pesquisador ou pesquisadora trabalhe sozinho em seu gabinete ou laboratórios, uma imensa rede de saberes, artefatos, aparatos, instituições e pessoas estão em operação para tornar isto possível. (COSTA 2002, p.155)

Nessa pesquisa busquei produzir um trabalho que primasse na construção de uma pesquisa aventura onde, juntamente com outros pesquisadores acreditamos que, preferencialmente, não devemos saber quais os resultados que alcançaremos com o nosso trabalho. O que não quer dizer que não possamos conhecer nada do que queremos saber. Sendo isso, inclusive, uma necessidade do trabalho. Como apontam Mazzotti & Gewandsznajder (2001, p. 150) “o conhecimento da literatura pertinente ao problema que nos interessa (relatos de pesquisa, teorias utilizadas para explicá-lo) é indispensável para identificar ou definir com mais precisão os problemas, que precisam ser investigados em uma dada área”.

Nesse sentido, nosso trabalho abordou uma História de Vida, fato consumado e definido ao longo do projeto. Conhecemos inúmeros referenciais teóricos remetidos à temática de pesquisa. Todavia o que recebemos dos colaboradores nas entrevistas é algo que nos dá um caráter de imprevisibilidade. Nossa análise de dados e nosso olhar para as entrevistas, estão inseridos em um momento histórico, o qual está permeado de subjetividades e representações do pesquisador.

É nesse sentido que percebo o quanto nossos trabalhos são originais. Tenho certeza de que, se outro pesquisador o fizesse com a mesma temática e até mesmo, com problemas de pesquisa idênticos, nossos olhares seriam diferenciados. E, portanto, nossos trabalhos também seriam diferentes. Encontrei uma definição da sublimidade/originalidade do olhar, em uma crônica de Rubem Alves intitulada Os olhos e a idade. Nessa crônica, inicialmente, o

autor relata um fato que ocorria com Claude Monet, que ficava horas seguidas pintando o mesmo monte de feno. Um fazendeiro resolve questionar o porquê de tal atitude, e Monet responde: “Para as vacas, é certo que o feno é o mesmo, porque elas desconhecem o gosto da luz. Mas, para mim, que sou pintor, a luz é algo mágico, que vai transformando as coisas pelo poder de suas modulações. Um monte de feno sob a luz da manhã não é o mesmo sob a luz do crepúsculo” (2001,p.11). Algo semelhante acontece com os estudos que ora venho efetuando. Os fatores subjetivos de cada pesquisador, como a forma de condução da entrevista, o sorriso/tristeza na observação, o olhar social para os achados de pesquisa. Tudo fará diferença no trabalho proposto.

Outro fator relevante diz respeito ao conhecer outros trabalhos e até outras áreas de conhecimento. Um diferencial de algumas pesquisas encontra-se na habilidade dos pesquisadores na conversa com outras áreas de saber e/ou conhecimentos. Para que isso aconteça, esses profissionais não podem restringir-se a seu mundo e ao seu trabalho. Precisamos olhar/conhecer as construções que estão ocorrendo. Faz-se necessário que estudantes/pesquisadores possuam humildade/responsabilidade o suficiente para mostrar suas descobertas/achados de pesquisa sem ignorar as demais produções que vem ocorrendo.

Outra premissa que acabei percebendo nos trabalhos da Linha de Pesquisa do Programa de Pos-Graduação em Educação, da qual nosso projeto é integrante e que está intitulada “Formação, saberes e desenvolvimento profissional” diz respeito ao grande número de trabalhos que apontam para a utilização de metodologias qualitativas, ou, no máximo, alguns estudantes pensaram/tentaram utilizar-se de metodologias quanti/qualitativas. Nesse caráter, Mazzotti & Gewandszajder (2001) aponta-nos a dificuldade na realização de trabalhos que optem por tais metodologias. Segundo elas, isso acontece porque, “[...] ao contrário do que ocorre com as pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, isto é, quanto aos aspectos que podem ser definidos já no projeto” (2001, p.147).

Ainda, para Oliveira et al. (2004), mencionar o qualitativo não é desprezar o quantitativo e, por isso apontam para uma falsa dicotomia ou controvérsia da qualidade quantidade, sugerindo que, para superarmos esse falso dualismo, necessitamos relativizar a dimensão técnica, enfocando um todo maior no processo da pesquisa.

Brandão (2002), inspirado nas idéias de Bourdieu (1992), comenta o fato de os pesquisadores utilizarem-se de um “monismo metodológico” e enfatiza que tal opção evidencia uma espécie de “arrogância da ignorância”. De forma enérgica, enfatiza que escolhemos um “método” por não sermos capazes de

trabalhar com outros e não por uma exigência do problema que investigamos.

Concordo com Brandão (2002), embora parcialmente, porque inúmeros pesquisadores realmente têm dificuldades em utilizar determinadas metodologias e “formatam” qualquer pesquisa nos seus referencias e métodos de conhecimento. Penso, entretanto, que não podemos relativizar as pesquisas de modo geral. Existem proposições de pesquisas que não se “enquadram” em determinadas metodologias, e os pesquisadores, então, adotam outras formas de estudá-las, não por desconhecê-las, mas por acreditar que uma e não outra é mais adequada para seu trabalho. Não vejo, por exemplo, como estudar a História de Vida, focalizando os saberes pessoais e profissionais de D. Helana Ferrari num olhar quantitativo. Bauer e Gaskell aprofundam ainda mais essa questão, apontando a necessidade de superarmos tais formas de construir saberes. Segundo eles, “estamos tentando um modo de supera tal polêmica estéril, entre duas tradições de pesquisa social aparentemente competitiva” (2002, p.23-24).

Outro olhar referente a tais discussões é o de Marli André (2001, p.59), que se volta para as pesquisas sociais, definindo “[...] as críticas fazem surgir novas propostas, novos modelos de conceber e realizar pesquisas – as abordagens qualitativas - que levam a proposição de novos critérios de julgamento, alguns se contrapondo aos já conhecidos e respeitados, outros se referindo aos aspectos específicos dos novos tipos de estudo”.

Sobre as pesquisas qualitativas Minayo (2001 p.22) destaca:

[...] responde a questões muito particular. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desenvolvemos, assim, uma pesquisa qualitativa, que se utilizou vários instrumentos nos processos rememorativos da professora. Como, por exemplo, entrevistas, análises fotográficas, pesquisas documentais, etc,...

Um dos recursos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa foi a História Oral. Esse recurso encontrou-se um tanto desacreditado, principalmente, por fatores como o Positivismo e suas idéias. Segundo Queiroz (1998, p.19), a História Oral: “... é um termo amplo que recebe uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”.

Oliveira (1999) também ratifica as palavras da autora supracitada,

enfocando a importância da História Oral, pois esta pode nos trazer histórias de pessoas “comuns” permeadas de subjetividade, encontros, desencontros e saberes, que de um momento para outro perdem o anonimato, tornando-se “autores” no seu coletivo. Sempre lembrando que a perspectiva central da História de Vida que estaremos trabalhando é a defendida por Meihy (2001), para o qual a História de Vida Oral não busca a veracidade dos fatos narrados, visto que estes se encontram num plano existencial, subjetivo e com significados e sentidos construídos pelos sujeitos, que se dispõem a dar visibilidade às suas narrativas.

Com relação às entrevistas, utilizamos a forma estruturada e semi-estruturada, com perguntas abrangentes, por estar inserido num processo de valorização das falas da professora, dando voz à mesma. Meihy (2001, p.37-38) também aponta:

Nas entrevistas de História Oral de Vida, as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na seqüência cronológica da trajetória do entrevistado [...] os grandes blocos de perguntas devem ser divididos em três ou quatro partes, no máximo cinco. Quanto menos o entrevistador fala melhor.

Coletando dados: o que fazer?

Nessas entrevistas, estruturamos alguns tópicos:

- A atuação da prof. Helena no magistério de Santa Maria;
- A Professora Helena numa Câmara de Vereadores constituída, basicamente, pela atuação masculina;
- As lembranças positivas e negativas de suas salas de aula, e de seus processos formativos.

Relembrando as idéias de Montagner (1999), em relação à História de Vida, esperamos que esta e com o “resgate”⁴ da memória da professora, ambos funcionem como o carvão, alimentando o fogo do nosso trabalho, permitindo ressignificações e reflexões na vida pessoal e profissional do pesquisador, de seu contexto sociocultural e de seus, quem sabe, futuros leitores.

Esse estudo utiliza-se também de Pesquisa Documental, que está acontecendo nos arquivos da cidade de Santa Maria, nos arquivos pessoais da professora e de sua família.

O trabalho com as fotografias é desenvolvido com o intuito de incitar a memória da professora. Oliveira (2003, sp.) aponta para a importância deste

instrumento, pois, segundo ela, com as fotografias a memória é ativada de forma que acabamos nos recordando toda a situação vivida e os demais fatos que estão ligados à imagem. Fatos estes que são subjetivos e significativos para a pesquisa. E ainda coloca:

Esses detalhes ditos subjetivos, ativados pelo olhar posto em cima de uma imagem de família, de um acontecimento social, de um espaço geográfico modificado com o passar dos anos e tantas outras situações que são registrados por fotógrafos de todos os tempos, fazem parte de relatos orais e de entrevistas normalmente utilizadas com método qualitativo de coleta de dados em projetos e, dessa forma, tem-se nessa questão a maior prova da importância da fotografia como documento de pesquisa, análise, comprovação e comparação de fato relevante par os objetivos de um trabalho científico (OLIVEIRA, 2003, sp.).

E ainda nos valem das imagens fotográficas, como registros convencionais, pois, nas fotografias, encontramos uma fonte onde podemos buscar informações bastante ricas, de relevância para a pesquisa.

Nos discursos educativos da atualidade, pode-se perceber uma maior importância para os processos formativos dos professores, para seus saberes práticos e cotidianos. Isso acontece, pois os professores/pesquisadores perceberam o valor de tais saberes, seja no entendimento da construção dos conhecimentos, seja na compreensão dos processos de ensino. Nesse sentido, inúmeros trabalhos vêm se desenvolvendo, tomando como foco de discussão a figura do professor.

Discutir a importância ou não da formação continuada na atualidade ou da qualificação, a partir da prática de sala de aula, é uma maneira de valorizar os saberes experiências dos professores. Encontramos, nas concepções de Pereira (2000, p.49), em relação à docência, que “a formação do professor não se vislumbra apenas na academia, com a diplomação, mas sim sobre as reflexões destes quanto à prática em si, nos bancos escolares e também para além destes”.

Nesse aspecto, o Método Biográfico História de Vida vem proporcionar o conhecimento dos processos formativos da professora Helena Ferrari Teixeira, reconhecendo os saberes constituídos nas suas experiências individuais e coletivas ao longo da trajetória por ela vivida.

Um breve mergulho na história das mulheres: Helena, sua vereança, suas trajetórias

Trabalhar com História de Vida é desenvolver um processo onde um narrador relata as experiências que ele considera mais importantes em sua

trajetória. Para que isso aconteça é necessário que se estabeleçam relações de comunicação e de poder entre os dois sujeitos envolvidos, sendo que estas relações podem influenciar nas narrativas autobiográficas. É preciso que o colaborador da pesquisa se sinta à vontade e tenha o desejo da realização do trabalho proposta.

Neste projeto, estudamos as questões de gênero, a partir de um recorte na História de Vida da professora, pois buscamos entender um momento em que se conclamou a presença da Mulher na Política, da Mulher na História.

Perrot (1989), em seu livro **Mulheres Públicas**, relata que os homens, ao longo dos tempos, desempenharam funções bastante diferenciadas das mulheres.

O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarar a honra, e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria. [...] existem lugares praticamente proibidos às mulheres -políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos... - e outros que lhes são quase exclusivamente reservados - lavanderias, grandes magazines, salões de chá... (1989 p. 07-37).

Contrariando esse imaginário instituído (CASTORIADIS, 1987) é que Helena Ferrari é apresentada, nesse trabalho, em sua trajetória de vida pessoal e profissional:

O fato de ser a única mulher na Câmara de Vereadores nunca foi motivo para pudores nas disputas em pleno plenário. Entre os principais opositores, Helena cita Antônio Abelin e Rafael Theodorico. Num dos tantos episódios antológicos durante uma acalorada discussão ela atirou um copo d'água em Abelin. – Eles brigavam comigo, eu tinha que brigar com eles. Mas não chegou a acertar - observa, rindo. (Diário de Santa Maria, p. 06, 2003).

Trabalhar com a memória de uma personagem tão ilustre como a de D. Helena, é desenvolver um processo de desconstrução de imaginários, que esta personagem, com certeza, desenvolveu em seu contexto vivido. Criar um processo de desmonte, de quebra com este imaginário ainda vigente, ainda instituído é uma tentativa bastante ousada. Tentaremos, então, primordialmente, criar um momento, um local onde discutiremos estas questões. Pedro & Grossi afirmam que:

[...] no Brasil é visível que não há nem clarezas, nem certezas em relação a uma teoria feminista do conhecimento. Não apenas a questão é pouco debatida

mesmo nas rodas feministas, com, em geral, o próprio debate nos vem pronto, traduzido pelas publicações de autoras do Hemisfério Norte (1998 p.23).

Memória e subjetividade: percorrendo caminhos nas representações sociais

Tais discussões, obrigatoriamente, perpassam por referências com aportes teóricos da memória. Memória (BOSI, 1999) que alicerçará reconstruções de lembranças, revividas no momento presente, revisitando os momentos passados através das rememorações.

O olhar, que atribuirei a esta pesquisa, centrar-se-á na individualidade, na subjetividade, nas experiências de Helena Ferrari. Trabalhar com a subjetividade da profissional nos remete às representações coletivas, pois estas são baseadas na cultura de um grupo, na vivência de um povo em um ambiente social. Simson (2000, p. 67) indica que a memória pode ser tanto:

Subjetiva ou individual (porque se refere a experiências únicas vivenciadas pelo indivíduo), mas também social porque é coletiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são aprendidos nos processos de socialização que se dão no âmbito da sociedade.

Entendemos, desta forma, que o trabalho com a memória é individual, pois trata das representações permeadas por uma única personagem, ao mesmo tempo em que é coletivo, pois investigamos a memória profissional a partir das concepções de um grupo social.

Tentar entender os saberes construídos, num determinado contexto social, é, como nos aponta Oliveira (2001, p. 218) ao propor uma definição de saberes docentes, entender:

O conjunto de normas, de valores, de crenças e artefatos de uma sociedade e, aqui especificamente, de uma categoria que se pretende profissional, mas de uma cultura com práticas discursivas de abnegação, de vocação e extensão maternal, de improvisação, de isolamento, de não refletividade nas questões do ser e do fazer docente.

Entender este conjunto de normas, representações e valores necessita de estudo aprofundado da epistemologia. Dessas referidas práticas profissionais, Tardif (2000) enfatiza a necessidade dos Profissionais da Educação reconstruírem seus saberes e conhecimentos.

O mesmo autor acima citado define que o saber é:

Sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional [...] (TARDIF, 2002 p. 10).

Ressignificar os saberes de professores, neste caso, da professora Helena Ferrari Teixeira, através de um trabalho com a memória, é um recurso que possibilitará novas formas de perceber e compreender os indivíduos nas suas comunidades. A memória libera as capacidades da percepção, da sensibilidade, da descoberta de novos sentidos, da elaboração de novas significações e contextos para as diferentes práticas, sejam elas docentes e/ou profissionais.

Encerro esta escrita com as palavras de Tedesco (2002, p.126, 2002), o qual ressalta a importância de trabalhos de construção memorialística, pois “a memória, uma vez escrita, constitui a explicitação de uma construção subjetiva que pretende levar cada indivíduo a manifestar sua experiência, única e original, no processo pedagógico”.

Referências

- ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: a estética do envelhecer. São Paulo: Papirus, 2001.
- ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**. São Paulo, jul. 2001.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1992.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRANDÃO, Z. **Conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: PucRio, 2002.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- COSTA, M. V. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- Diário de Santa Maria**, Santa Maria, p.6, 17 dez. 2002.
- GALLINA, F. J. **Helena Ferrari Teixeira**: a quebra da hegemonia masculina no legislativo santa-mariense. Santa Maria: UFSM, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAZZOTTI-ALVES, A. J.; GEWANDSZAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTAGNER, R. **Ressignificando imagens/memórias de alunas do instituto de Educação Olavo Bilac**: processos de formação de professoras(1929-1969). Santa Maria: UFSM, 1995.

NÓVOA, A.(Org.) **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Ed., 1995.

O VOTO feminino. Disponível em: <www.cantojovem.org.br/paginas/noticias>. Acesso em: 10 out. 2003.

OLIVEIRA, G.P. **Significações imaginárias de educadoras especiais em relação à escola profissional**: as lembranças da memória educativa. Santa Maria: UFSM, 2001.

Oliveira, P. de S. **Vidas compartilhadas**: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, V.F et al. O oral e a fotografia na pesquisa com professores. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 2., 2003, Rio de Janeiro. **As Redes de conhecimento e a tecnologia**: imagem e cidadania. UERJ. 2003.

OLIVEIRA, V. Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia. In **Educação**, Santa Maria, v. 29, n. 1, 2004.

PEDRO, J. M. & GROSSI, M. P. **Masculino feminino plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

PERREIRA, J. E. D. **Formação de professores**: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PERROT, M.. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

QUEIROS, M .I. P. de. Relatos orais: do indivisível ao divisível. In : VON SIMSON, Olga de Moraes. **Experimentos com Histórias de vida (Itália-Brasil)**: enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1998.

SIMSONS, O. R. de M. V. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. In: FARIA, F. MENDES, L. (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEDESCO, J. C. **Usos de memórias**. Passo Fundo: UPF, 2002.

Notas

1 Gostaria de agradecer, aqui, aos familiares de D. Helena, principalmente a Ana Lucia, ao Beto e a Alíres.

2 Quando utilizo a palavra personagem, ao longo deste trabalho, em hipótese alguma tento enfatizar que minha colaboradora esteja assumindo outros papéis, utilizo-o apenas como variação das palavras indicativas à D. Helena.

3 Texto recebido por e-mail de um sobrinho de Dona Helena: Alberto Teixeira Tajés.

4 Terminologia utilizada no sentido de rememoração. Visita aos repertórios de informações armazenadas na memória dos sujeitos referentes às informações desejadas.

Correspondência

Vantoir Roberto Brancher - Rua Franklin Bitencourt Filho, N. 7085 APARTAMENTO 203 CAMOBI SANTA MARIA/RS.

E-mail vantobr@yahoo.com.br ou gepeis@www.ufsm.br

Valeska Fortes de Oliveira - Rua Guilherme Cassel Sobrinho, 54 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Cep: 97050-270 - Santa Maria, RS.

E-mail guiza@terra.com.br

Recebido em 18 de março de 2005

Aprovado em 29 de agosto de 2005